

UTILIZAÇÃO DA LUDICIDADE COMO ESTRATÉGIA DE ACOLHIMENTO A CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM ABRIGO INSTITUCIONAL

Josiane Dias de Carvalho

Especialização em Gestão do Currículo na Formação Docente pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Mediadora do Programa Novo Mais Educação da Prefeitura Municipal de Alegrete.

<http://lattes.cnpq.br/6206227276220558>

E-mail: josianecarvalho58@gmail.com

Ivana Almeida Serpa

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul- UERGS. Bolsista de pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul- FAPERGS. Auxiliar pedagógica pela Prefeitura Municipal de Alegrete.

<http://lattes.cnpq.br/8980085187686974>

E-mail: ivana-serpa@uergs.edu.br

Adriana Barni Truccolo

Mestre em Health Education pela Florida International University – USA. Mestre em Ciências da Saúde – Cardiologia pela Fundação Universitária de Cardiologia – FUC. Docente de Educação e Saúde na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Unidade Universitária em Alegrete.

<http://lattes.cnpq.br/8147033387677530>

E-mail: adriana-truccolo@uergs.edu.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N1>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N1-20>

RESUMO: As formas de acolhimento institucional ou familiar são medidas de proteção excepcionais e provisórias, sendo a reinserção da criança e do adolescente em sua família e na comunidade de origem a meta prioritária. A partir do exposto, o objetivo do estudo foi proporcionar, através do brincar, experiências significativas para a formação educativa de crianças e adolescentes em condição de vulnerabilidade social e econômica residentes temporariamente em uma instituição de acolhimento do município de Alegrete, RS. Desenvolveu-se um estudo de campo com intervenção pedagógica e abordagem qualitativa, realizado com quatro crianças e nove adolescentes na faixa etária de recém-nascidos a 17 anos e onze meses de idade. As atividades de contação de histórias, teatro, fantoches, construção de brinquedos com material reciclado, foram realizadas semanalmente, durante meio turno, de agosto a novembro de 2018, utilizando-se do diário de campo como instrumento de registro dos relatos e observações. Constatou-se maior integração entre os participantes quando da realização das atividades propostas, bem como espontaneidade e manifestação dos seus sentimentos. Conclui-se que as atividades lúdicas propiciam momentos de auto descobrimento e de acolhimento de si e do outro, sendo uma estratégia a ser considerada nos serviços de acolhimento institucional a crianças e adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE: Criança. Adolescente. Institucionalização. Abrigo. Ludicidade.

USE OF PLAYING AS A STRATEGY FOR HOSTING CHILDREN AND ADOLESCENTS IN AN INSTITUTIONAL SHELTER

ABSTRACT: The forms of institutional or family care are exceptional and provisional measures of protection, with the reintegration of children and adolescents in their families and in the community of origin a priority goal. From the above, the objective of the study was to provide, through play, meaningful experiences for the educational training of children and adolescents in conditions of social and economic vulnerability residing temporarily in a shelter institution in the city of Alegrete, RS. A field study was carried out with a pedagogical intervention and a qualitative approach, carried out with four children and nine adolescents aged from newborns to 17 years and eleven months old. The activities of storytelling, theater, puppets, construction of toys with recycled material, were carried out weekly, during half a shift, from August to November 2018, using the field diary as an instrument for recording reports and observations. There was greater integration between the participants when carrying out the proposed activities, as well as spontaneity and expression of their feelings. It is concluded that recreational activities provide moments of self-discovery and acceptance of oneself and the other, being a strategy to be considered in institutional care services for children and adolescents.

KEYWORDS: Child. Adolescent. Institutionalization. Shelter. Playfulness.

INTRODUÇÃO

O ambiente familiar quando proporciona segurança emocional e física, quando é afetivo e ciente das necessidades da criança, se constitui no primeiro espaço de suas aprendizagens, contribuindo como base para o desenvolvimento de sua personalidade e de seus valores, permitindo, dessa forma, que a criança se desenvolva integralmente, de modo saudável ao longo de todo o ciclo vital (SOUSA, 2018). Acrescenta-se que a imposição do limite, a autoridade, o cuidado e a afetividade são fundamentais para a constituição da subjetividade e desenvolvimento das habilidades necessárias à vida em comunidade (BRASIL, 2006).

Estas vivências são importantes para que a criança se sinta aceita nos círculos cada vez mais amplos que passará a integrar, bem como para o desenvolvimento da socialização e da autonomia (WINNICOTT, 2005).

Entretanto, é necessário lembrar que a família pode ser também lugar de conflito e de violação de direitos da criança e do adolescente. Problemas de disciplina, falta de comunicação, falta de cuidados, abusos físicos e sexuais, falta de afeição e carinho, assim como conflitos relacionados à sexualidade e orientação sexual dos adolescentes, gravidez, uso de álcool e drogas por parte dos jovens, fragilizam os vínculos familiares, podendo levar à negligência, ao abandono e à violência por parte dos responsáveis (BARROS,

2017; MEDEIROS; MARTINS, 2018). De acordo com Vieira (2019), as crianças e adolescentes são o segmento vulnerável da sociedade que mais sofre com um cenário de violência e conseqüente desrespeito e violação de seus direitos humanos.

Dessa maneira, quando há evidências de violação dos direitos da criança e do adolescente, os mesmos podem ser afastados do convívio familiar e serem acolhidos institucionalmente. Segundo dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), divulgados por meio do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA), 32,5 mil crianças e adolescentes estão vivendo em casas de acolhimento e instituições públicas no país (LIMA, 2020). As características individuais e o tempo em que elas permanecem acolhidas variam. Todavia, um aspecto fundamental e comum a todas é que quando uma criança vai para um abrigo, mesmo que momentaneamente, há algum tipo de rompimento com suas famílias de origem (DINIZ; ASSIS; SOUZA, 2018).

As formas de acolhimento institucional ou familiar (família acolhedora) são medidas de proteção excepcionais e provisórias, sendo a reinserção da criança e do adolescente em sua família e na comunidade de origem a meta prioritária. Segundo Liebert (2015) estudo conduzido por Nelson, Fox e Zeanah (2014) da universidade de Harvard, durante 16 anos, em instituições de acolhimento da Romênia com bebês que foram institucionalizados, concluiu que para cada ano que passa em uma instituição, o bebê perde quatro meses do seu desenvolvimento cerebral e de sua autonomia. Segundo Bick et al. (2015) as crianças deveriam ser encaminhadas para lares de acolhimento, conviver com famílias e não em instituições. Ainda, de acordo com Kreuz (2018), a vantagem do acolhimento familiar é a possibilidade da criança ou o adolescente ter um atendimento individualizado, a possibilidade de viver num referencial de família organizada, estruturada, harmônica, o que muito provavelmente não teve na sua família de origem. É a oportunidade de criar vínculos afetivos, o que raramente é possível nas unidades de acolhimento, onde as separações são constantes, não só dos cuidadores, mas também dos próprios colegas.

Dentre os profissionais que trabalham nas instituições de acolhimento, o/a pedagogo/a social acompanha não somente a vida educacional, mas também o desenvolvimento dos acolhidos, realizando supervisão e avaliação dos profissionais, além

de promover formações frequentes e atividades com as famílias, registrando a história de vida de cada sujeito (JURDIA; SCRIDELLI, 2014).

Uma das formas que esse profissional tem de trabalhar com crianças e adolescentes é através da ludicidade. Brincadeiras, jogos, trabalhos em grupo estimulam o desenvolvimento de diversas potencialidades da criança e adolescentes como a criatividade, o prazer, a interação, a cooperação (MELO; VALLE, 2005). O brincar, além de ser utilizado com o recurso pedagógico ou terapêutico, é um meio de expor os medos, as angústias e os problemas que a criança enfrentou (ANTÃO; PIMENTEL; RAMOS, 2016). A brincadeira possibilita à criança vivenciar, tanto, sentimentos de alegria e realizações de seus desejos, quanto o sentimento de frustração, auxiliando-a estruturar sua personalidade e a lidar com angústias (ABERASTURY, 1972).

Diante do acima exposto, A pesquisa teve como objetivo geral proporcionar, através de atividades lúdicas, experiências significativas e acolhedoras para crianças e adolescentes em condição de vulnerabilidade social e econômica residentes temporariamente em um abrigo institucional no município de Alegrete, RS.

Para alcançarmos o objetivo geral foram delineados os seguintes objetivos específicos: promoção de atividades lúdico-educativas com intuito de desenvolver a autoestima e a livre expressão dos sujeitos; estimulação da autoconfiança e da interação social através de jogos e da confecção de materiais reciclados; constituição de vínculos afetivos entre pesquisadores e as crianças e adolescentes em situação de acolhimento.

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de campo com intervenção pedagógica e abordagem qualitativa. A pesquisa do tipo intervenção pedagógica consiste no planejamento e na implementação de interferências (mudanças, inovações), destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam, e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências (DAMIANI et al., 2013). De acordo com Moreira (2008) são características da pesquisa intervenção: a) acontecer dentro do contexto pesquisado, no caso o abrigo institucional; b) Ser

desencadeada pela demanda, contribuindo na solução de problemas: O abrigo carece de profissionais em contato contínuo e direto para realizar atividades com as crianças e adolescentes; c) O pesquisador atua como mediador que articula, organiza encontros, sistematiza vozes e saberes produzidos pelos sujeitos da pesquisa, agindo num processo de escuta ativa. A acadêmica do curso de Pedagogia atuou como pesquisadora; d) Ocorre Interação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa: acadêmica, crianças e adolescentes; e) As Experiências cotidianas e práticas do coletivo sistematizadas, permitem descobertas e considerações teórico-metodológicas: no caso as atividades foram propostas pela acadêmica e orientadora e as descobertas são descritas na seção de resultados.

A amostra foi composta por quatro crianças e nove adolescentes na faixa etária entre quatro e dezesseis anos de idade. Com relação às considerações éticas, foi obtida concordância da coordenadora da Instituição de Acolhimento no Município de Alegrete, local de coleta dos dados; e as crianças e adolescentes foram questionados acerca da participação e informados que a qualquer momento poderiam declinar da realização das atividades propostas.

Os dados foram coletados através de observação participante sistemática e registrados em um Diário de Campo. De acordo com Angrosino (2009) a observação participante refere-se à observação que acontece com o pesquisador desempenhando um papel ativo no contexto observado. Na observação sistemática, direta ou estruturada é requerido que se defina o conjunto de comportamentos a ser observado, o momento adequado e a forma de registro dos dados obtidos (VERGARA, 2012). No caso desta pesquisa, o Diário de Campo.

O abrigo institucional de Alegrete foi criado pela Lei Municipal nº2. 847/98 de 16 de outubro, está localizado no centro da cidade e é considerado uma instituição de alta complexidade, ou seja, tem por finalidade promover atenção integral à criança e adolescentes de 0 a 17 anos e onze meses de idade, vítimas de violência psicológica, sexual, física e negligência, garantindo sua proteção integral.

A instituição possui coordenadora e equipe técnica composta por um psicólogo, assistente social e pedagoga, que trabalham quarenta horas semanais, além de uma médica que acompanha as crianças e adolescentes uma vez na semana, durante um turno. A casa de acolhimento também conta com as educadoras, que trabalham oito horas por dia, dividida em três grupos, manhã, tarde e noite, sendo que em cada turno trabalham duas educadoras, sendo duas para as crianças e duas para os adolescentes (uma para as meninas e uma para os meninos). A equipe de apoio é composta por cozinheira, quatro zeladores, três serventes e um estagiário.

As crianças e adolescentes são encaminhados à instituição pela Curadoria de Infância e da Juventude ou de forma emergencial pelo Conselho Tutelar. Tendo como sua Mantenedora a Prefeitura Municipal de Alegrete, através da Secretária de Assistência Social, que proporciona alimentação, material de higiene, material de limpeza, transporte, bem como todos os funcionários, sendo todos concursados pela prefeitura do município.

As crianças e adolescentes participam dos projetos que são oferecidos pelas próprias escolas, secretaria de assistência social, e demais instituições de ensino. A área, antes ocupada para atividades recreativas, agora foi transformada em quarto para receber mais crianças. As informações acerca do funcionamento do Abrigo foram obtidas através de um questionário estruturado respondido pela equipe técnica e de apoio.

A pesquisa foi desenvolvida durante sete meses, de maio a novembro de 2017, no turno da tarde, uma vez por semana, com carga horária semanal de quatro horas. Dentre as atividades lúdicas propostas optou-se por músicas com ritmos variáveis, filmes infantis, dinâmicas de socialização entre os adolescentes e crianças, atividades com mímicas, com roda de conversa sobre gravidez na adolescência, e confecção de porta caneta e árvore natalina com materiais recicláveis.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O presente estudo foi pautado no questionamento acerca da importância da ludicidade como forma de acolhimento a crianças e adolescentes, que precisam ser

retirados, mesmo que temporariamente do convívio familiar. Será que as atividades lúdicas seriam suficientes para que as crianças e os adolescentes se sentissem acolhidos?

Acrescenta-se que a ida ao Abrigo Institucional com o objetivo de proporcionar experiências significativas e acolhedoras para crianças e adolescentes em condição de vulnerabilidade social e econômica, ali residentes temporariamente, teve sua proposta pedagógica pautada no fortalecimento da autoestima, no auxílio à construção da identidade; e no respeito à diversidade de expressões culturais encontradas entre essas crianças e adolescentes.

Interagir com um grupo advindo de um universo cultural tão diversificado e sentindo-se fragilizado e vulnerável requer atenção, cuidado, afeto, acolhimento e muito respeito ao direito da criança de ser criança, de brincar como forma de expressar o pensamento e de se comunicar; em desafiar o raciocínio a partir do ambiente que a cerca, ofertando estímulos ao desenvolvimento pessoal de todos.

A vivência no Abrigo Institucional, aconteceu de junho a dezembro de 2016, uma vez por semana, no período da tarde, totalizando 28 encontros e tendo como subsídio legal o Estatuto da Criança e do Adolescente que prevê no artigo 4º que: “É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar comunitária”.

Em um diário de campo, foram descritas todas as atividades realizadas, registradas as observações, impressões e as recorrências discursivas que mais apareceram nos encontros.

No primeiro encontro as crianças e adolescentes não demonstraram interesse em realizar qualquer atividade proposta. A presença de alguém de fora não deveria ser imposta e sim conquistada, laços afetivos carecem de tempo para serem formados e consolidados e então ficamos todos assistindo à televisão. A frustração foi compartilhada com a orientadora e decidimos priorizar a escuta das crianças e adolescentes a fim de entender seus modos de agir. O envolvimento e a participação das crianças e dos

adolescentes na pesquisa seriam pautados pelo respeito ao grupo pesquisado e pela possibilidade de expressarem suas próprias opiniões e visões.

A formação da identidade da criança está intimamente ligada às influências dos relacionamentos e dos vínculos que cria ao longo da vida. Dentro do contexto familiar, estes vínculos são ainda mais importantes, pois é por meio da família, nas primeiras etapas da vida, que a criança incorpora o sentimento de pertencimento, aprendendo através de exemplos a se relacionar com o outro, a estabelecer laços afetivos e a desenvolver a capacidade de confiar e conviver (KRIEGER; KASPER, 2015).

No segundo encontro foi proposto que todos se sentassem em roda e em uma folha A4 desenhasse o calçado que mais gostasse de usar. Os desenhos foram colocados no meio da roda, no chão, virados para baixo e misturados. Após, cada um pegou um desenho e disse de quem achava que era, a personalidade da pessoa, o que ela gostava e o que ela não gostava. Todos riram muito, acharam os desenhos engraçados e finalmente o ‘gelo’ havia se quebrado, e de repente havia me tornado a ‘Tia’. Os nomes abaixo referidos são fictícios, com o intuito de preservar a identidade das crianças e adolescentes.

De acordo com Papalia (2010, p. 375), “Com seus amigos, a criança aprende a se comunicar e cooperar. Aprendem sobre si mesmas e sobre os outros. Uma ajuda a outra a suportar transições estressantes, como o começo em uma nova escola ou a adaptação ao divórcio dos pais.” No momento delicado em que se encontram fazer novos amigos pode ser um importante referencial para as crianças acolhidas.

Foi assim que os adolescentes Matheus, Bernardo, Luciana, Camila, Vitor, Suelen, e a Dirce, começaram a me chamar de “Tia”, o que vai ao encontro de Amorim e Rossetti-Ferreira (2009), quando dissertam que as ações e os comportamentos desempenhados por um adolescente são fruto das múltiplas interações que ele estabelece com o meio. É por meio dessas interações com o outro, que a criança e ao adolescente assimilam os significados e sentidos do mundo, ressignificando-os continuamente nas inter-relações.

A socialização no ambiente de acolhimento é importante, porém nem tudo que é planejado acontece, e foi isso que ocorreu ao chegar com o plano de atividades para o terceiro encontro. O objetivo era propor atividades lúdico-educativas às crianças e

adolescentes, mas quando da chegada ao abrigo, lá estava uma menina de quatro anos, a Bárbara, que havia regularizado a vacinação chorando sem parar. Teria sido a vacinação realmente o motivo de seu choro? Sentadas no chão, e com Bárbara no colo improvisei uma estória, sendo ela a personagem principal. Bárbara naquele momento havia se tornado uma princesa e essa princesa seria forte e com coragem não permitiria que aquele momento de dor furtasse a sua realeza. Em minutos Bárbara, encantada pela história, parou de chorar. Houve cantoria, brincadeira, e ela era uma ‘princesa’.

Para Vygotsky (1998), o faz-de-conta é uma atividade fundamental para o desenvolvimento cognitivo da criança, exercitando a imaginação, a capacidade de planejar, imaginar situações lúdicas, os seus conteúdos e as regras inerentes a cada situação. Concorde Cunha (2007) quando diz que a brincadeira do faz-de-conta, também conhecida como jogo simbólico é uma atividade lúdica importante para as crianças desenvolverem sua autonomia, imaginação, e criatividade, controlando as suas ansiedades e medos. “Ao prover uma situação imaginativa por meio da atividade livre, a criança desenvolve a iniciativa, expressa seus desejos e internaliza as regras sociais” (KISHIMOTO, 2003, p. 43).

Bárbara se encontra no segundo estágio de desenvolvimento cognitivo segundo Piaget (2003), o estágio pré-operatório, onde a criança faz uso de símbolos, brincadeiras de faz-de-conta, onde há o aparecimento da linguagem e o egocentrismo é marcante, além do tipo de inteligência denominado de inteligência representativa.

A cada encontro consolidava-se o respeito e confiança, tanto pelos adolescentes quanto pelas crianças. Foi construída uma relação afetiva, e quando chegava era recebida com um beijo, um abraço. Quando terminavam as atividades dirigidas se expressavam e diziam: “*Ooo Tia não vai embora não*” (sic). Piaget (1997) reconhece a afetividade como motivação para a atividade cognitiva e enfatiza que a afetividade e a razão são termos que se complementam. O desenvolvimento humano está centrado na afetividade, e as emoções são essenciais para a sobrevivência humana, já que desde os primeiros anos de vida, um indivíduo as utiliza para comunicar suas necessidades (WALLON, 2008).

A autoestima pode ser trabalhada através de dinâmicas (MARQUES, 2015) e foi a estratégia utilizada em um dos encontros. Propusemos que uma folha branca fosse colada nas costas de cada criança e adolescente e durante a execução de uma música escrevessem uma característica boa do seu colega na folha de papel. Após, realizamos uma roda de conversa, para ouvir as impressões de cada um acerca do que havia sido escrito a seu respeito. Observamos o impacto que palavras que transmitem alegria, de palavras carinhosas, respeitadas, possuem sobre as crianças e adolescentes. Refletimos que muitas vezes não olhamos ao nosso redor, não abraçamos o amigo ou colega, e que um simples gesto, palavra ou atitude faz do nosso dia um dia melhor.

A autoestima pode ser considerada como um juízo pessoal de valor, externado nas atitudes que o indivíduo tem consigo mesmo, sendo uma experiência subjetiva, à qual as pessoas têm acesso mediante relatos verbais e comportamentos observáveis. A percepção que o indivíduo tem do seu próprio valor e a avaliação que faz de si mesmo em termos de competência constituem pilares fundamentais da autoestima, formados desde a infância (ASSIS et al., 2004).

Durante os sete meses foram vários momentos lúdicos dentro da casa de acolhimento: canto, sessão de vídeo, músicas, de conversas, mímicas, ginástica localizada, ministrada pela professora orientadora que é graduada em Educação Física, o que nos permitiu conhecer um pouco mais de cada criança e cada adolescente.

Cada encontro foi um aprendizado, e em outubro festejamos o dia das crianças, na casa de acolhimento. Utilizamos a sala de recepção e as brincadeiras foram à corrida do saco, corrida da colher, mímicas e para finalizar todos confeccionaram um presente que seria trocado com o amigo secreto. Freire (1996) menciona que “Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. De acordo com Maluf (2008) o ambiente lúdico precisa ser levado a sério para assim contribuir para o desenvolvimento de competências e habilidades no processo de aprendizagem. O ato de brincar vai oportunizar as vivências inocentes e simples da essência lúdica, possibilitando à criança o aumento da autoestima, autoconhecimento de suas responsabilidades corporais e culturais, por meio das atividades de socialização.

Uma atividade que despertou sentimentos talvez adormecidos nas crianças foi o Cine Pipoca. O Rei Leão foi o filme escolhido por eles, filme esse que retrata a amizade, o amor, o respeito e a importância que se deve ter ao em trabalhar em grupo. Percebeu-se que o filme foi como um sopro de esperança, uma breve viagem a um mundo de sonhos onde o bem sempre vence o mal, onde os tons coloridos se sobrepõem aos tons de cinza.

Segundo Melo e Valle (2005), é por meio do brinquedo e de sua ação lúdica que a criança externa suas emoções, expressa sua realidade, ordenando e desordenando, construindo e desconstruindo um mundo que lhe seja significativo. Seus gestos e atitudes possuem significados que podem ser desvelados quando brinca.

Reafirma Vygotsky (2008), que a participação de outras pessoas é imprescindível para promover o desenvolvimento infantil e o brincar é essencial para o desenvolvimento cognitivo da criança, pois os processos de simbolização e representação a levam ao pensamento abstrato. Corroborar Cunha (2007) dizendo que o jogo simbólico é uma atividade lúdica importante para as crianças desenvolverem sua autonomia, e é através da interação com as pessoas e objetos do seu meio que elas têm oportunidade de expressar suas aprendizagens, porque não estão apenas brincando, mas sim desenvolvendo sua imaginação, criatividade e controlando as suas ansiedades e medos.

Em dezembro, as crianças e adolescentes estavam ansiosos, queriam montar uma árvore de natal. Foi então que fizemos uma improvisada, com material EVA. As bolas da árvore foram substituídas por cartões onde havia mensagens de natal escritas por eles. A escrita foi a maneira de se expressarem, de colocarem as suas expectativas para o próximo ano, de manifestarem seus desejos. Foi triste e comovente ao mesmo tempo. Desejos como estar com a família, ser adotada, ter um animal de estimação. Percebemos que brinquedos, roupas, nada de ordem material foi pedido. O que vimos foram crianças e adolescentes amadurecidos pelo sofrimento, pela perda de contato com a família. González Rey (2003) afirma que “uma experiência ou ação só tem sentido quando é portadora de uma carga emocional” (p. 349).

Quando a criança é negligenciada, quando ocorre omissão dos pais com relação ao dever de cuidar, gerando danos de ordem moral e conseqüentemente afetando o seu

desenvolvimento saudável, a criança se encontra em situação de abandono moral e afetivo (KRIEGER; KASPER, 2015), caso em que se encontram as crianças da Moradia Transitória, ou seja, não foram destituídas do pátrio poder, no entanto, encontram-se sob a tutela do Estado até que a situação de risco em que se encontravam seja revertida.

Também há de se refletir que os pais são os primeiros a estabelecer os laços afetivos com a criança e que refletirão ao longo de toda a vida da mesma, inclusive na sua forma de ser e de se portar perante os seus próprios filhos. Na infância, a criança enxerga os pais como heróis, querendo ser iguais a eles e seguirem seus exemplos (KRIEGER; KASPER, 2015). Geralmente são os pais que apresentam o mundo, o que há de bom e o que há de ruim, o que é o certo e o que é o errado, como a criança e ao adolescente devem agir em determinada situação. Portanto, é inestimável a influência paterna e materna na formação da personalidade da criança.

A instituição que acolhe é um local de passagem e, portanto, tem condições de oferecer vínculos e relações apenas temporárias. As crianças e os adolescentes, por mais que sejam bem tratados, convivem com funcionários num esquema de revezamento que em nada lembra os vínculos familiares, e isso pode inviabilizar parcial ou totalmente o estabelecimento de vínculos com pessoas que tenham importância significativa no seu processo de desenvolvimento. Muitas crianças retornarão aos seus lares em alguns dias ou semanas, mas há casos em que a situação de acolhimento, aparentemente transitória, pode consumir boa parte da infância quando não se estende também pela adolescência.

Diante dessa situação de vulnerabilidade por que passam crianças e adolescentes, reconhecemos a necessidade de proporcionar momentos de brincadeiras e ludicidade em uma instituição de acolhimento, uma vez que, estudos e pesquisas evidenciam a influência desses instrumentos pedagógicos no desenvolvimento humano.

As crianças e os adolescentes necessitam trabalhar os sentimentos advindos da ruptura com o contexto familiar e com as experiências dramáticas vividas nele, e o brincar revela-se como um instrumento de extrema relevância para esse propósito. A leitura da bibliografia produzida sobre o papel da ludicidade nas instituições de acolhimento e as práticas desenvolvidas no decorrer da investigação impulsionaram muitas reflexões

acerca do processo de acolhimento e da atuação do pedagogo social nesse contexto. Em razão das contribuições do estudo para a ludicidade, enquanto instrumento potencial de desenvolvimento, o presente trabalho possibilitou o relato de nossas análises e ponderações, que poderão embasar trabalhos futuros.

Percebemos, a partir das propostas desenvolvidas, inúmeras implicações da ludicidade e do brincar para a formação das crianças e jovens. As repercussões desses recursos pedagógicos e terapêuticos não se restringem ao desenvolvimento cognitivo, mas abrangem a dimensão afetiva e social, ao possibilitar a livre expressão dos sentimentos, angústias, alegrias e tristezas, assim como a construção de vínculos afetivos entre pesquisadores e os sujeitos acolhidos no Abrigo Institucional do município.

Além disso, as atividades lúdicas realizadas tiveram como pressuposto o respeito aos interesses, peculiaridades e histórias de vida de cada criança e adolescente, e em consequência disso, sentiram-se seguros e confiantes para manifestar desejos, sonhos, gostos e tristezas. Com isso, cada experiência vivenciada na casa de acolhimento foi de imensa satisfação, tendo a convicção de que o trabalho os envolveu de forma prazerosa, contribuindo para o bem-estar psicológico dos acolhidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instituição que acolhe é um local de passagem e, portanto, tem condições de oferecer vínculos e relações apenas temporárias. As crianças e os adolescentes, por mais que sejam bem tratados, convivem com funcionários num esquema de revezamento que em nada lembra os vínculos familiares, e isso pode inviabilizar parcial ou totalmente o estabelecimento de vínculos com pessoas que tenham importância significativa no seu processo de desenvolvimento. Muitas crianças retornarão aos seus lares em alguns dias ou semanas, mas há casos em que a situação de acolhimento, aparentemente transitória, pode consumir boa parte da infância quando não se estende também pela adolescência.

Diante dessa situação de vulnerabilidade por que passam crianças e adolescentes, reconhecemos a necessidade de proporcionar momentos de brincadeiras e ludicidade em

uma instituição de acolhimento, uma vez que, estudos e pesquisas evidenciam a influência desses instrumentos pedagógicos no desenvolvimento humano.

As crianças e os adolescentes necessitam trabalhar os sentimentos advindos da ruptura com o contexto familiar e com as experiências dramáticas vividas nele, e o brincar revela-se como um instrumento de extrema relevância para esse propósito. A leitura da bibliografia produzida sobre o papel da ludicidade nas instituições de acolhimento e as práticas desenvolvidas no decorrer da investigação impulsionaram muitas reflexões acerca do processo de acolhimento e da atuação do pedagogo social nesse contexto. Em razão das contribuições do estudo para a ludicidade, enquanto instrumento potencial de desenvolvimento, o presente trabalho possibilitou o relato de nossas análises e ponderações, que poderão embasar trabalhos futuros.

Percebemos, a partir das propostas desenvolvidas, inúmeras implicações da ludicidade e do brincar para a formação das crianças e jovens. As repercussões desses recursos pedagógicos e terapêuticos não se restringem ao desenvolvimento cognitivo, mas abrangem a dimensão afetiva e social, ao possibilitar a livre expressão dos sentimentos, angústias, alegrias e tristezas, assim como a construção de vínculos afetivos entre pesquisadores e os sujeitos acolhidos no Abrigo Institucional do município.

Além disso, as atividades lúdicas realizadas tiveram como pressuposto o respeito aos interesses, peculiaridades e histórias de vida de cada criança e adolescente, e em consequência disso, sentiram-se seguros e confiantes para manifestar desejos, sonhos, gostos e tristezas.

Finalizamos este estudo dedicando esse trabalho a todas as crianças e a todos os adolescentes que se encontram em instituições de acolhimento no país, e que aprendem a sobreviver diante das adversidades, das rupturas, e mesmo assim conservam a esperança e não se acostumam a sorrir.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **A criança e seus jogos**. Petrópolis: Vozes, 1972.

AMORIM, K. S.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. A matriz sócio histórica. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S.; CARVALHO, A. M. A. (Orgs.), **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano** (pp. 94-112). Porto Alegre: Artmed. 2009.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ANTÃO, J.; PIMENTEL, F.; RAMOS, A. Avaliação de um programa de promoção da saúde mental com crianças institucionalizadas. **Psicologia em Revista**, v. 21, n. 2, p. 218-233, 2016. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista> Acesso em 20 de set de 2020

ASSIS, S. G. et al. Violência e representação social na adolescência no Brasil. **Revista Pan-Americana de Saúde Pública**, v.16, n.1, p.43-51, 2004. Disponível em: [http://www.andi.org.br/sites/default/files/legislacao/Viol%C3%Aancia%20e%20representa%C3%A7%C3%A3o%20social%20na%20adolesc%C3%Aancia%20no%20Brasil%20\(estudo\).pdf](http://www.andi.org.br/sites/default/files/legislacao/Viol%C3%Aancia%20e%20representa%C3%A7%C3%A3o%20social%20na%20adolesc%C3%Aancia%20no%20Brasil%20(estudo).pdf) Acesso em 12 de maio de 2020.

BARROS, J. F.; ABRAÃO, J. L. F. Modos de subjetivação e a fragmentação do saber sobre a criança. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 21, n. 2. 2017. ISSN 1981-8076. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/47373>. Acesso em: 08 maio de 2020.

BICK J, ZHU T, STAMOULIS C, FOX NA, ZEANAH C, NELSON CA. **Effect of early institutionalization and foster care on long-term white matter development: a randomized clinical trial**. *JAMA Pediatr*. 2015 Mar;169 (3):211-9. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25622303/> Acesso em 04 de outubro de 2020.

BRASIL. Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em 4 de maio de 2020.

BRASIL. **Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária** - PNCFC. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Secretaria Especial dos Direitos Humanos. 2006. Disponível em: www.mds.gov.br › *Plano_Defesa_CriançasAdolescentes* Acesso em 09 de maio de 2020.

CUNHA, N. H. S. **A Brinquedoteca Brasileira**. In: SANTOS, S. M. P. *Brinquedoteca: um mergulho no brincar*. 4. ed. São Paulo: Aquariana, 2007.

DAMIANI, M. F.; ROCHEFORT, Renato S. ; CASTRO, Rafael Fonseca ; DARIZ, Marion R. ; PINHEIRO, S. N. S. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação** (UFPel). Vol 45, p. 57-67; 2013.

DINIZ, I. A., ASSIS, M. O., SOUZA, M. F. S. Crianças institucionalizadas: um olhar para o desenvolvimento socioafetivo. Pretextos - **Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, 3(5), 261-285; 2018. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15978>. Acesso em 08 de maio de 2020.

FONSECA, P. N. O impacto do acolhimento institucional na vida de adolescentes. **Rev. Psicopedagogia**. 2017; 34(105): 285-96.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

JURDIA, A. P. S.; SCRIDELLIB, C. A ludicidade presente na vida das educadoras sociais: reflexos no trabalho com crianças abrigadas. **Cad. Terapia. Ocupacional**. UFSCar, São Carlos, v. 22, n. 3, p. 551-560, 2014.

KISHIMOTO, T. M. (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 57-71.

KREUZ, S. L. Acolhimento Familiar x Acolhimento Institucional. **Instituto Geração Amanhã**. 2018. Disponível em: <https://geracaoamanha.org.br/acolhimento-familiar-x-acolhimento-institucional/> Acesso em 04 de setembro de 2020

KRIEGER, M. A.; KASPER, B. W. Consequências do abandono afetivo. **Revista Páginas de Direito**, Porto Alegre, ano 15, nº 1241, 13 de maio de 2015. Disponível em: <http://www.tex.pro.br/artigos/305-artigos-mai-2015/7137-consequencias-do-abandono-afetivo>. Acesso em 17 de maio de 2020.

LIEBERT, M.A. 2015. **Romania's Abandoned Children: Deprivation, Brain Development, and the Struggle for Recovery**. By Nelson, Charles A., Fox, Nathan A., and Zeanah, Charles H. 416 pp. Cambridge, MA: Harvard University Press. 2014. *Am. J. Hum. Biol.*, 27: 588-589. doi:10.1002/ajhb.22742

LIMA, M. **Pandemia pode causar novos rompimentos para crianças acolhidas**. **Observatório do terceiro setor**. 16/07/2020. Disponível em <https://observatorio3setor.org.br/noticias/pandemia-pode-causar-novos-rompimentos-para-criancas-acolhidas/>. Acesso em 29/09/2020.

MALUF, A. C. M. **Atividades recreativas para divertir e ensinar**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes: 2008.

MARQUES, J. R. **Dicas de dinâmicas de autoestima**. 2015. Disponível em: <<http://www.jrmcoaching.com.br/blog/dicas-de-dinamicas-de-autoestima>>. Acesso em: 9 de junho de 2020.

MEDEIROS, B. C. D.; MARTINS, J. B. O Estabelecimento de Vínculos entre Cuidadores e Crianças no Contexto das Instituições de Acolhimento: um Estudo Teórico. **Psicologia: Ciência e Profissão** Jan/Mar. 2018 v. 38 nº 1, 74-87. <https://doi.org/10.1590/1982-3703002882017>.

MELO, L.; VALLE, E. **O brinquedo e o brincar no desenvolvimento infantil**. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 23, n. 40, p. 43-48, jan/mar.2005.

MOREIRA, M.I.C. Pesquisa-intervenção; especificações e aspectos da interação entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa. In: CASTRO L.R.; de e BESSET, V.L. (Orgs.) **Pesquisa-interação na infância e na juventude**. NAU: Rio de Janeiro, 2008.

PAPALIA, D. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed. 2010.

PIAGET, J. **Formação de Símbolo na Criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro. Zohar, 1997.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2003.

SOUSA, L. B. **A influência da afetividade na aprendizagem significativa: uma abordagem na educação infantil**. *Afluente, UFMA/Campus III*, v.3, n. 7, p. 77-93, jan./abr. 2018. Disponível em:

<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/9148>. Acesso em 5 de maio de 2020.

VERGARA, S. C. **Métodos de coleta de dados no campo**. 2. Ed. São Paulo: Atlas. 2012

VIEIRA, M. S. Vitimização sexual de crianças e adolescentes: as múltiplas faces de uma violência perversa. **Missões: Revista de Ciências Humanas e Sociais**, v. 4, n. 1, 7 dez. 2019. Disponível em:

<https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/Missoes/article/view/2739> Acesso em 10 de abril de 2020

VYGOSTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores; 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998- p. 115.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento**: ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: Vozes, 2008.

WINNICOTT, D. W. **Tudo Começa em Casa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Data de submissão: 17/03/2023. Data de aceite: 19/03/2023. Data de publicação: 20/03/2023.